

TRABALHO INFANTO-JUVENIL:

A ILUSÃO PERDIDA DE UMA
MAIORIA POR CAUSA DO DISCURSO
IDEOLÓGICO DE UMA MINORIA.

AUTOR : WILSON TORRES

" Para que eu vou ajudar esses 'menores' a sair dessa merda de trabalho infantil... é isso ? Olha, moço: eu comecei com os meus oito anos a pegar na labuta e tô aqui sadio. Isso é papo desses intelectuais que gostam de analisar a miséria e depois ficam babando na gola ". (F.C.S. - 45 anos, comerciante)

" Por que eu vou ajudar esses 'menores' se as pobres gostam de 'abrir as pernas pros machos' e as filhas da puta ^{quando} querem a ajuda do Governo ? ". (S.O.S. - 25 anos, secretária de uma empresa multinacional)

" Esses menor de rua (sic) tem que trabalhar cedo, as crianças trabaiando cedo (sic)... enobrece a pessoa ". (J.T.N. - 69 anos, camelô)

As frases citadas são o triste resultado de uma sociedade que, ao longo de sua história, sempre renegou as classes menos favorecidas. Em contrapartida, as elites conservadoras incutiram em nossas mentes a velha patranha que o 'dimenor' tem que trabalhar cedo. Graças a isso, o Brasil possui a sua imagem negativa quando, via satélite, imagens de crianças trabalhando em serviços árduos aparecem na mídia internacional.

De uns tempos para cá, mais precisamente a partir de 1990 - quando foi promulgada a Lei Federal nº 8.069, que criou o Estatuto da Criança e do Adolescente - , a questão sobre o trabalho (exploração ?) infante-juvenil começou a ser discutida, seja em debates acadêmicos, seja em encontros promovidos por entidades que, felizmente, lutam em prol da efetivação dos direitos humanos e, mais precisamente, denunciam o trabalho infante-juvenil.

Infelizmente, certos setores conservadores da sociedade defendem o trabalho infante-juvenil como uma espécie de "terapia ocupacional" - como se essa "terapia" fosse eficaz contra a pobreza e a miserabilidade dessas crianças. Na realidade, as pessoas que defendem o trabalho infante-juvenil, não conhecem os problemas sociais. O Brasil carece de uma política social, na qual a distribuição de renda é um fator essencial. Mas, o farisaísmo e a mendacidade das nossas elites fazem com que estas encarem as políticas sociais como programas paternalistas. E viva o Criança Esperança (bleargh)...

Apesar de possuímos leis, que protegem as crianças e os adolescentes - sobretudo no tocante ao trabalho - , estas são violadas constantemente. Em tempos de crise, quando a miséria grassa de forma inaudita pelos grotões, cortiços, palafitas, periferias e subúrbios, o trabalho precoce torna-se um fator de sobrevivência. E essa terrível exclusão social não ocorre tão somente em carvoarias, canaviais e indústrias de calçados em cidades do interior. Outrossim ocorre em cidades como São Paulo e, o que é lamentável nessa triste estória, não há fiscalização pelos poderes públicos. As nossas autoridades, com raras exceções, são coniventes e não possuem interesse em saber sobre o porquê da situação. Enquanto isso, esses trabalhadores de idades e corpos precoces estão vivendo em ofícios como entregadores de jornais, "ajudantes" em borracharias e oficinas mecânicas, empacotadores de supermercados, distribuidores de folhetos de propagandas de empreendimentos imobiliários ou cartomantes e/ou curandeiras, engraxates, vendedores de cigarros contrabandeados do Paraguai, ajudantes de lotação, vendedores de doces e chocolates em pontos de ônibus... enfim, existem muitos ofícios nos quais esses pequenos cidadãos estão envolvidos.

Em um artigo publicado n'O Estado de S. Paulo, a professora Mary Del Priore, do Departamento de História do Brasil da USP, escreveu um interessante estudo sobre a marginalização infante-juvenil, mais precisamente desde os tempos coloniais. Sobre trabalho infante-juvenil, a articulista assevera: "No início da industrialização em São Paulo, crianças pequenas eram empregadas na indústria e em toda sorte da manufatura. Eram corriqueiros, nas fábricas, os acidentes em que as crianças tinham braços e mãos despedaçados durante exaustivas jornadas (...) nosso país tem uma tradição de centenas de anos de insensibilidade, face à infância pobre e desvalida (...) apesar do assunto ser plataforma política nos anos de eleição, poucos se importam com o que acontece fora da janela do carro".¹

Por fim, em um trecho final do artigo, a articulista nos lembra: " (...) se a história pode nos ajudar a compreender que nossas relações têm uma profunda marca cultural, ela talvez nos ajude a assumir uma nova postura frente a essa situação (...), a verdadeira mudança consiste em apoiar, com todas as forças, aqueles que concretamente possam fazer alguma coisa para mudar este estado de coisas".²

¹ "Suplemento Feminino", 13/07/97.

² Idem, ibidem.

As observações da prefa. Mary Del Priore são, no mínimo, pertinentes e nos estimulam a refletir sobre conceitos, que estão enraizados em nossas plagas. Como é público e notório, vivemos em um país onde o desrespeito e a marginalização das nossas crianças e dos nossos adolescentes estão presentes. Como bem asseverou a articulista, as políticas infante-juvenis são lembradas em épocas eleitorais.

Enquanto isso, as crianças oriundas de famílias miseráveis e desestruturadas começam a trabalhar cedo, pois seus pais estão desempregado e/ou vivendo em subempregos. Muitas vezes, são as crianças e os adolescentes que se tornam chefes de família, ou, pelo menos, são responsáveis pelo sustento familiar e, em consequência disso, trabalham em detrimento dos estudos. O futuro desses meninos e meninas é assustador: não possuindo outras perspectivas de um "futuro promissor", correm o risco de se transformarem em párias, pois, com o advento de novas tecnologias e novos meios de produção, esses jovens pobres serão, mais uma vez, excluídos desse processo.

Em tempos de globalização (?), em que se exigem, até para funções simples como atendentes em edifícios comerciais, curso universitário e domínio de dois ou três idiomas, esses jovens sofrem quando vão procurar emprego. Sofrem preconceitos e não são avaliados pelos profissionais de Recursos Humanos, pois não preenchem os "requisitos". Com a baixa escolaridade e sem condições financeiras para estudar, o caminho é o "famigerado" bico. E, mesmo em empregos informais, as crianças e adolescentes correm sérios riscos e, entre os perigos cotidianos, estão o envolvimento com o tráfico de drogas e a violência policial.

Por que ocorre essa exclusão social com as crianças e os adolescentes neste país ?

Talvez essa pergunta possa ser respondida pelo deputado Ivan Valente (PT-SP), que nos traz um diagnóstico nada animador sobre os recursos destinados ao setor social, mais precisamente no setor educacional. Eis alguns trechos do relatório: "(...) quando se confronta com uma demonstração inequívoca que o gasto público em educação no Brasil é muito pequeno diante das necessidades, e o Governo Federal recorre ao velho argumento de que o Estado está falido e que não tem recursos. Porém, se pesarmos bem os fatos, veremos que esta é também uma argumentação mentirosa. O próprio FHC, no documento em que requereu, quando senador, a instalação de uma CPI no Congresso para apurar a evasão fiscal no Brasil, afirmou que a sonegação no Brasil era de assombrosos oitenta e cinco bilhões de dólares/ano - praticamente igual à totalidade da arrecadação que a União consegue anualmente (...) se pegarmos alguns gastos chaves do Poder Público no Brasil, vamos verificar que a prioridade do governo é o sistema financeiro nacional. A receita anual total de Estados e municípios vinculada é, para o setor educacional, R\$ 18 bilhões e a da União está em torno de R\$ 5,9 bilhões.³ (...) somente com os juros da dívida interna, o Tesouro desembolsa algo como US\$ 22 bilhões ao ano. Já os juros da dívida externa consomem uma cifra na casa dos US\$ 20 bilhões."⁴

3

Utiliza-se aqui, sem correção, os números em que o MEC se apoiou para justificar o envio da proposta de emenda constitucional 233/95 ao Congresso Nacional.

4

VALENTE, Ivan, in "A Municipalização Imposta e a Exclusão Social - Brasília, junho/97." - pp. 800

Muito bem, se somarmos os US\$ 85 bilhões de dólares em evasão fiscal, mais os juros da dívida interna na ordem de US\$ 22 bilhões de dólares ao ano, mais os juros da dívida externa que estão na casa dos US\$ 20 bilhões de dólares e, se ainda somarmos a vultosa soma de US\$ 20 bilhões de dólares do Proer e os US\$ 6 bilhões de dólares (que as empresas multinacionais remeteram para o Exterior, em 1997 - segundo a edição d'O Globo, de 06/01/1998) nós chegaremos a fabulosa soma de US\$ 153 bilhões de dólares.

Mas, afinal de contas, este artigo não era sobre o trabalho infanto-juvenil ? Sim e não. Sim, porque o argumento de crianças e adolescentes para essa triste labuta é que, como as famílias sofrem com o desemprego e, muitas vezes, passam fome, partem para o famigerado "bico". Não, pois a prioridade absoluta deveria ser a criança e o adolescente e, infelizmente, ambos são vilipendiados pelas autoridades públicas.

Enquanto isso, a situação parece não mudar. Eis um trecho do relatório de um estudo feito pela deputada estadual Maria Lúcia Prandi, na questão trabalho infanto-juvenil: "Embora o estado de São Paulo seja um dos mais desenvolvidos do Brasil e considerado a "locomotiva" nacional, a realidade do trabalho infantil não difere muito do restante do país (...) em plena capital do Estado, nos varejões da CEAGESP (Companhia de Entrepósitos e Armazéns Gerais do Estado de São Paulo), crianças menores de quatorze anos trabalham em bancas de flores, frutas e peixes, a menos de 10km do Palácio dos Bandeirantes, sede do governo estadual. A CEAGESP é um órgão da Secretaria Estadual da Agricultura e Abastecimento, que aluga o espaço para os comerciantes, os quais empregam ilegalmente as crianças."⁵

⁵ PRANDI, M.L. in "Combate à Exploração do Trabalho de Crianças

Por que será que existe esse mito sobre o discurso de certas pessoas ("as mulheres pobres gostam de abrir as pernas para os machos") que, na verdade, assumem um discurso autoritário?

Bem, no tocante ao discurso autoritário, reproduzo um texto escrito pelo sr. Wladir dos Santos, que dirige atualmente uma escola estadual em Americana, no interior de São Paulo. O endereço do debate sobre a violência é: http://cfl.uol.com.br:8000/forum/thread.cfm?thread_id=28.

"Está lá, para não dizer que foi inventado: a população do Estado cresceu 9,47% enquanto o homicídios dolosos aumentaram em 76,76% (ver caderno Cidades d'O Estado de S. Paulo, 13/09/1998).

Não houve surpresa alguma para quem vem dizendo isso desde longa data, quando o governo deu os primeiros sintomas de estar entregando à sanha dos bandidos e recolhendo as armas de quem pudesse se defender e à sua família. Foi apenas questão de constatação do que era percebido como óbvio.

Agravante na notícia está no fato de que os índices de furtos praticados sem o uso da violência caiu, mas em compensação os furtos com violência aumentaram. Antes, há alguns anos, o bandido saltava o muro para roubar roupas estendidas em varais, botijões de gás, galinhas etc. e fazia isso na calada da noite, protegido pela escuridão, em silêncio, para não ocorrer do morador sair à janela com um trabuco e meter-lhe bala na cabeça. Agora não: os bandidos nem temem mais ser reconhecidos, sabem que seu crime será tratado benevolmente pelos defensores dos direitos dos bandidos, sejam humanos ou não e, se tiverem o azar de serem apanhados, sabem que a vida na cadeia é a garantia de nada fazer.

Bem alimentado - quatro refeições ao dia - , com assistência médica e odontológica ... sem precisar cumprir sua pena : se for bonzinho ela se reduz bastante, se for primário mais ainda e sempre resta a esperança de dar no pé na primeira fuga em massa.

Mas, não é somente na sociedade menos qualificada em que isso ocorre: nas escolas, os alunos estão virtualmente assumindo esse caráter de impunidade que lhes foi entregue em tigela de ouro: a Escola pode ser invadida como aconteceu nesta semana, os band didinhos ofenderam alunas, brigaram no pátio, desrespeitaram profes sores e funcionários e ameaçaram as pessoas que tentaram intervir ' na ação de loucos que estavam realizando. Eram oito deles, vindos ' de bairros distantes, favelas provavelmente. Não vi armas com e- les mas... e precisam ? Chamei a polícia, pois já havia sido alerta do para "não colocar a mão em ninguém para não ser processado por agressão física a menor...". Deu no que deu: várias meninas e profes soras chorando, um garoto com o braço quebrado em dois lugares (ele caiu na "asneira" de ir em defesa da sua namorada e os oito margi- nais caíram sobre ele aos chutes e pontapés)

(...)

É preciso que todas as pessoas metam as mãos nas cabeças em nossos tempos e larguem essas baboseiras de defender direitos de quem não os quer respeitar. Se não forem tomadas providên- cias urgentes e drásticas, não haverá mais o que possa salvar nos- so povo da deterioração dos costumes (...). Desejei colocar arames' farpados ao redor do muro da nossa escola, mas são proibidos (idem para os cacos de vidro). Tentei adquirir um cão, que pudesse ser solto nas madrugadas e finais de semana ...nem pensar.

Bons tempos em que as pessoas respeitavam as outras por formação ou medo, mas todas as pessoas podiam andar e estudar."

O ilustre professor Wladir dos Santos é uma pessoa que gosta de usar o discurso autoritário ao tratar por "bandidinhos" os garotos que, quando estão neste ponto da dita delinquência, foram abandonados pelo Estado, que deve zelar sim pelos "dimenor". Talvez, e estou correndo o risco de equívoco, esses "bandidinhos" estudaram na escola onde o sr. Wladir dos Santos é diretor. Com certeza, esses garotos - oriundos de famílias pobres e moradores de "favelas provavelmente" (não é mesmo, professor?) - , não tiveram a oportunidade de expor suas idéias, seus desenhos, seus poemas, pois os mestres do saber e do conhecimento disseram para ele^s que o caminho para se alcançar o sucesso tem a cor branca e poucos conseguem.

Afinal de contas, a Educação (com pompa e circunstância) prevalece sobre a educação (a escola pública em que não há professores preparados, salas de aula decentes, alunos - que, ao lado dos pais, lutam por vagas por meio de sorteios absurdos). Não adianta pensarmos na "escola do futuro" se ainda vivemos na época dos coronéis e políticos conservadores, que preferem ver a plebe longe dos direitos em exercer a cidadania.

Mas, e o trabalho infanto-juvenil?

Volto ao assunto: por que existe esse mito sobre trabalho infantil como "terapia"?

Talvez esse problema esteja localizado nos primórdios da formação da nossa sociedade. Índios e negros foram as primeiras vítimas (primeiras?) desse processo de opressão. Em seu artigo já mencionado, a profa. Mary Del Priore afirmar que as "crianças de rua" existem desde o século XVI. "Vieram de Portugal, nas naus que trouxeram ao Brasil os primeiros padres jesuíta".⁶

Mais adiante, escreve a professora: "no século XVIII, com a urbanização do Brasil-Colônia, o número de crianças abandonadas pelas ruas de Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo cresceu. Mães pobres, livres ou escravas, que sobreviviam à custa de trabalhos intermitentes, não tinham escolha quando o preço dos alimentos subia muito. Ora abandonavam seus rebentos em praias, portas de igrejas e terrenos baldios, ora os encaminhavam à roda das Santas Casas de Misericórdia."⁷

Quando a profa. Del Priore assevera que a questão dos meninos e meninas de rua possui, como ponto de referência, o século XVI⁸ e que já trabalhavam em ofícios, digamos, nada edificantes: "Encontradas ("as crianças de rua") nos portos e mercados, onde tentavam sobreviver realizando pequenos furtos ou serviços, foram arrebanhadas para ajudar na missão de catequese. Vestidas de "anjo", com asas e roupinhas brancas, tocando instrumentos e catando, saíam nos cortejos pelo "sertão": verdadeiras iscas pra atrair indiozinhos para as escolas jesuítas, então conhecidas como "casas de meninos".⁹

Desde os tempos de Brasil-Colônia, a questão da exploração infantil está presente. Aliás, não somente as crianças, mas os adultos sempre foram explorados e, outrossim, estiveram ausentes das, digamos, decisões políticas porque as nossas elites nunca deixaram os pobres manifestarem os seus descontentamento. Será que os empresários não sabem que o trabalho infanto-juvenil é responsável pela má formação das crianças, seja no intelecto, seja no corpo físico?

⁷ op. cit.

⁸ op. cit.

⁹ op. cit.

Talvez os responsáveis por isso sejam os grandes empresários (e também nós, cidadãos contribuintes e "formadores de opinião" que, graças ao nosso egoísmo típico de uma classe média que "come ovo frito para arrotar peru", sempre esteve ausente das decisões políticas porque achávamos que a nossa felicidade era comprar com cheque especial...). Historicamente, grandes empresários como Jorge Street e conde Francisco Matarazzo sempre exploraram a mão-de-obra infantil; este ^{p.ex} fazia com que os filhos dos operários trabalhassem em máquinas adaptadas para o tamanho das crianças, enquanto aquele criava alojamentos para o operariado - não como um benefício, mas como um meio dos trabalhadores não chegarem atrasados ao serviço.

Outro fator que deve ser levado em consideração é o fato dessa idéia sobre o trabalho como fonte de geração de riqueza (" o trabalho faz com que a pessoa progrida "). Ou seja: a ideologia do trabakho foi bem assimilada pelos pobres que, para estes, é até "natural" começar a trabalhar cedo ("para não cair na vagabundagem").

As opções de "trabalhos com sucesso profissional" são mínimas para as crianças e adolescentes oriundas de famílias pobres. O sonho de um menino é ser um jogador de futebol ou um cantor de sucesso ou ainda exercer uma profissão "importante" como médico, advogado ou engenheiro. O sonho de uma menina é trabalhar como modelo "internacional" ou trabalhar em serviços públicos (e, felizmente, muitas se lembram da função de professora).

A realização do sonho profissional para as crianças e adolescentes pobres (quero lembrar que o termo pobre não foi utilizado como menosprezo aos pobres, pois somos menosprezados pelo Estado) não é concretizado. As famílias pobres acreditam na educação, mas são cétricas quando o Estado não oferece vagas para as crianças.

Em seu trabalho "Combate à Exploração do Trabalho Infantil - Subsídios para propostas concretas de ação", a deputada Maria Lúcia Prandi nos relata sobre esse problema: "A Pesquisa Nacional por Amostragem Domiciliar (PNAD) feita pelo IBGE em 1985 chegou a apontar que 3,8 milhões de crianças, entre cinco a nove anos, estavam empregadas, sendo que na faixa de dez aos quatorze anos, 21,6% - ou seja, 1 em cada 5 crianças - eram trabalhadoras."

Outro documento que deve ser analisado com preocupação é o relatório do deputado federal Ivan Valente: "pesquisa realizada em São Paulo (1997) pela Fundação Instituto de Administração (FIA) da USP fornece um retrato, ao mesmo tempo da importância da educação infantil e da ausência do Poder Público nessa área. Segundo esse trabalho, 36,8% das crianças entre quatro e seis anos de idade, estão fora das creches e pré-escolas, sobretudo por falta de vagas na rede pública, sendo que essa ocorrência se concentra, com especial gravidade, nas regiões periféricas da cidade, onde se localiza a população com o menor nível de escolaridade e de renda e é maior o índice de desemprego".

As perspectivas são uma incógnita em tempos de crise econômica. Mas, apesar dos problemas, existem projetos interessantes e que, se colocados em prática, poderiam amenizar o sofrimento das populações carentes e, com o passar do tempo, poderiam recuperar a autoestima das crianças e adolescentes. O programa Bolsa-Escola, que foi colocado em prática na cidade de Brasília, em 1995, e é considerado como um belo exemplo de dar assistência às famílias e, garantir o acesso de crianças na escola. O Programa de Renda Mínima, do sen. Eduardo Matarazzo Suplicy, também é uma alternativa para as famílias que precisam colocar os seus filhos na escola.

Mas, esses programas não são meros paliativos ? Claro que sim. Não basta criar programas assistencialistas com o intuito e a piedade para com a população pobre e oprimida. É preciso que nós, cidadãos contribuintes, deixemos de lado as nossas angústias sobre o caos no qual se encontra o sistema financeiro internacional. Aliás, há anos que essa classe social abastada (?) sempre reclama da vida.

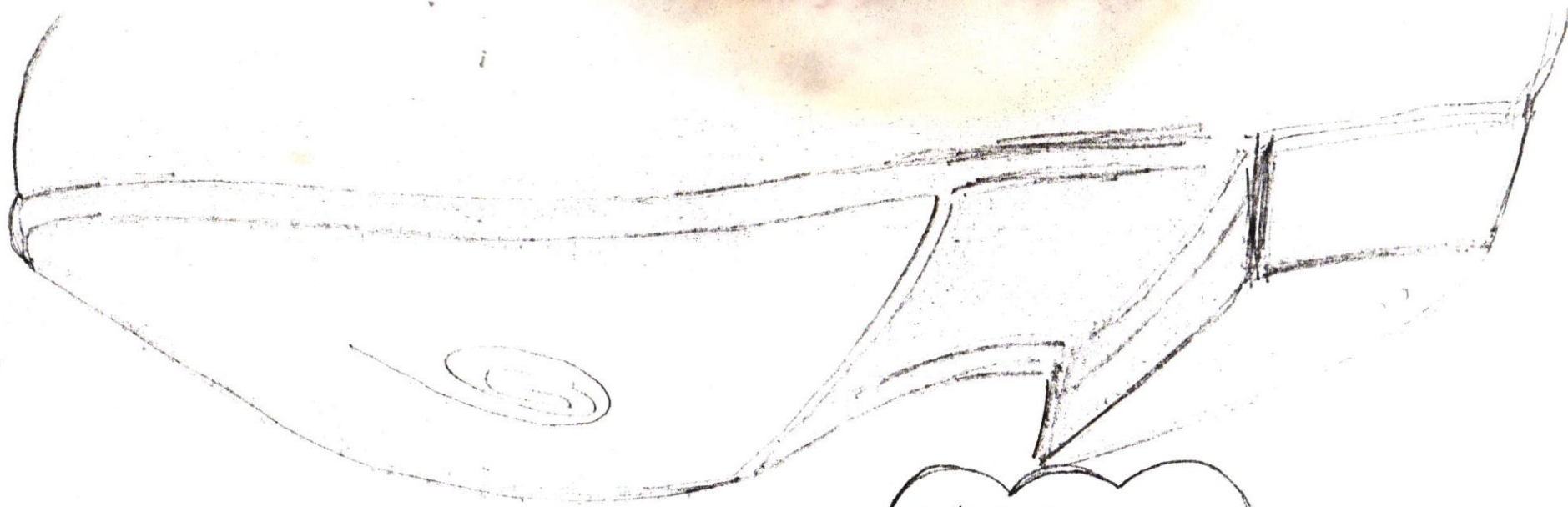
Vivíamos - e ainda vivemos - sob a égide das cotações e inúmeros índices nos quais a grande maioria da população desconhecia. Parece que tudo ao nosso redor surgiu graças aos benefícios do mercado. O Santo Mercado. O santo guerreiro que derrotará o Dragão dos Sacos de Maldades. Até quando?

Até quando viveremos sob o risco constante de quebra-deira financeira ? Até quando perderemos dinheiro, pois o dito mercado tem medo da conjuntura política ? Até quando as crianças e os adolescentes ^{terão a chance de} ~~podem~~ estudar em escolas ? Até quando haverá crianças pedindo trocados à noite ?

Espero que estas maescritas sirvam para alguma coisa e possam contribuir, não somente pela efetivação dos direitos humanos, mas sim pelos direitos das crianças e dos adolescentes, pois um dia, e estou absolutamente convencido sobre esse futuro, eles atuarão em nossa sociedade, que está tão passiva e burra.

Parafraseando Eduardo Galeano, esses futuros cidadãos farão novos caminhos e terão a chance de contar a história dos leões e não a dos caçadores. Evoé.





VAI GRAXA,
DOUTOR ?



Handwritten signature
28

Uma bela tarde, eu estava olhando uns livros em um sebo da praça João Mendes quando, inopinadamente, me aparece uma linda menina de quatorze anos (lembro-me que ela disse a idade) com um menino entre quatro a cinco anos. "Moço, você tem um trocado?" e percebia um ar de tristeza em seu rostinho alvo.

Loirinha, bonita (dentes perfeitos e brancos). Olho' para a menina: vestido branco meio amarrotado. Comecei a ficar preocupado com a menina, o menino e **COMIGO**. Sim, EU (que não tenho coragem de fazer o mal para com o semelhante), comecei a me excitar.

Pensei comigo: "maldita hora em que fixei meu olhar nos peitinhos dessa menina." Foi um momento terrível para mim, pois, nesses momentos, comecei a ver um monte de cenas em minha mente. Minha garganta ficou seca e eu tive vontade de mandá-la sair do meu' caminho. Desculpem-me, mas eu descobri, neste dia, os instintos primatas que se encontram em nós.

Pensei: "eu, que luto em prol da criança e do adolescente, não posso fazer isso". Então, comecei a fixar o meu olhar no menino. Comecei a brincar com suas pequenas mãos. A menina começou a sorrir. Mal sabia que isso me aliviava... a razão venceu (Pobre criança. Não tem direito nem de usar sutiã para encobrir as suas tetinhas). E, então, nunca vou me esquecer de um breve mas, ao mesmo tempo, lindo diálogo:

_ Você gosta de ler, né moço?

_ Ah, isso é verdade.

_ Eu tenho um livro de bichinhos.

_ Bichinhos?

_ É um livro de filhinhos... Moço, você tá bem?

Você parece que não tá bem? Tá branco demais e suando muito...

_ É que eu estou doente.

_ Vai ao médico, moço.

_ Tudo bem, depois eu passo em um posto de saúde. Mas por que você não está na escola?

_ O Governo fechou um monte lá em Ferraz (de Vasconcelos) e nossa família é muito pobre. Venho de lá até aqui só para pedir um dinheiro...

Como eu precisava ir embora, eu disse para a mãe que não tinha dinheiro, mas tinha algo muito mais interessante: Ao dar as balas, falei-lhe ao ouvido: "Tome, são para ADOCIAR a vida".

De repente, ficamos emocionados e estávamos prestes a chorar. Por fim, pedi-lhe que ninguém tocasse em seu corpo, fosse quem fosse: "Por favor, não deixe ninguém encostar em você". Ela disse que não deixa ninguém encostar "nem o dedo".

Por fim, dei-lhe um beijo em sua testa e no menino também. Mais uma vez, ela ficou emocionada:

_ Como você é bom, moço. Se todos fossem como você, eu acho que EU NEM ESTARIA AQUI PEDINDO TROCADO.

Eu acredito que a efetivação dos direitos humanos ocorrerá quando lutarmos incansavelmente por uma melhor distribuição de renda e por justiça social, além de uma série de políticas públicas em que as camadas sociais, inclusive as camadas mais pobres, tenham acesso à educação e à saúde.

vice a folha =>

«...além de uma série de políticas
públicas em que as camadas sociais,
inclusive crianças e adolescentes,
tiverem direitos (inclusive a um
pequeno subsídio, p. ex.)